

MESTIÇAGEM E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO ESPACIAL: EFEITOS DOS USOS DE TESTES DE ANCESTRALIDADE GENÉTICA

Taís Castro Garcia¹

RESUMO

Brasil é um país forjado por uma colonização agressiva e escravocrata, com vastas narrativas apagadas, processos de embranquecimento e exclusão, que são parte de uma história que influenciam as dinâmicas sociais brasileiras até os dias de hoje, agitando em grandes debates políticos, sociais e culturais que levam à procura de reconhecimento e de uma história talvez de origem, dentro deste contexto o que significa ser brasileiro? Por meio da realização da pesquisa a respeito dos testes de ancestralidade genética e pertencimento geográfico, nos debruçamos na questão sobre a identidade nacional, produzindo dados a partir de entrevistas e análises de conteúdo e discurso. As cidades em que vamos selecionar voluntários serão: Bagé, Pelotas, Porto Alegre e Caxias do Sul, todas localizadas no Rio Grande do Sul. Serão selecionados 3 participantes em cada cidade. Até o momento de análise é possível identificar uma associação com o ser brasileiro com a mestiçagem e que as empresas que comercializam os testes de ancestralidade se utilizam desse discurso do brasileiro mestiço para reforçar a ideia de uma origem não conhecida por conta da “mistura” que existe na população brasileira.

Palavras-chave: Identidade brasileira; Testes de ancestralidade genética; Mestiçagem; Pertencimento geográfico; Consciência nacional.

1. INTRODUÇÃO

Quando determinado sujeito realiza a afirmação “sou brasileiro(a)”, o que está por trás? Como a identidade espacial brasileira se formou a partir da ideia de “mistura racial” ou “mestiçagem”? O que está associado a essa identidade? Qual o papel dos testes de ancestralidade genética na produção dessa identidade? Estas são algumas questões que o presente trabalho realiza, pois temos como proposta investigar os discursos que produzem a consciência nacional brasileira e como estas questões podem ganhar novos contornos a partir do uso de testes de ancestralidade genética. A identificação espacial dos brasileiros é marcada por conflitos raciais que se apoiam na ideia da mestiçagem e que oferecem subsídios para uma narrativa de que todo brasileiro é “uma mistura de raças”. Conforme Kent e Wade (2015, p. 820, tradução nossa) nos relatam:

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Desde a década de 1930, a mestiçagem tem sido muitas vezes reinterpretada em termos positivos e a figura híbrida do mestiço tornou-se central para a construção de uma identidade nacional unificada. As interpretações culturais da população brasileira deslocaram as abordagens biológicas nos debates públicos.

O processo de formação do Brasil passa por vários períodos de apagamento de sua história, o que acaba por desencadear descontinuidades familiares e sociais que despertam em parte da população um desejo de descobrir de onde vêm. Essa memória negada de um Brasil que tinha como projeto destruir a sua negritude fez muitos dos seus habitantes procurarem uma história ou uma origem que está muitas vezes fora do território. É nesta busca, talvez, que os testes de ancestralidade genética ganhem um lugar de destaque, pois as empresas que os comercializam promovem o DNA² como uma verdade geográfica ou uma denominação de origem geneticamente certificada. A partir de seu uso, são produzidas simultaneamente identidades privilegiadas (brancas, europeias) e identidades estigmatizadas (racializadas), revelando os mecanismos de hierarquização racial. Conforme nos aponta Silva (2014, p. 83),

A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é ser considerado uma identidade étnica ou racial.

Na busca por uma identidade, novos discursos sobre os corpos ganham novas notas quando reivindicados pelas biociências e pelos regimes de verdades disputados pelas novas tecnologias. Nesse cenário, este projeto discute que o DNA se torna um mecanismo capaz de oportunizar reivindicações sobre a nossa própria história, memória ou origem às quais não tínhamos acesso. A partir desse contexto, os testes de ancestralidades genética se apresentam como dispositivos que produzem o desejo por descobrir a identidade geográfica dos seus usuários a partir do DNA.

O teste é promovido como um produto capaz de trazer respostas aos processos históricos e espaciais do Brasil a respeito de uma ideia de origem. Na trajetória dos brasileiros, há uma carência de elementos concretos à produção de uma identidade,

² A sigla DNA é a sigla em língua inglesa para ácido desoxirribonucleico, moléculas que armazenam as informações genéticas do indivíduo. Contemporaneamente, tem-se usado também como sinônimo de identidade ou características, por exemplo, quando se usa em “o DNA dessa empresa..”.

pois nossa história nacional possui lacunas em sua narrativa, fazendo com que a genética assuma um lugar de validação de um passado ignorado. Na dificuldade de rastreamento de suas próprias genealogias que não podem ser extrapoladas a partir da identificação fenotípica, os usuários dos testes de ancestralidade consomem um imaginário que até então poderia ser ignorado ou desconhecido: uma nova história que pode vir na contramão dos lugares vivenciados durante toda uma vida.

Os testes de ancestralidade genética, no Brasil, são comercializados por três empresas: *Genera* (brasileira), *MyHeritage* (israelense) e *MeuDNA* (brasileira). Aqui queremos destacar uma delas, a *Genera*, que neste ano produziu um estudo sobre a ancestralidade do brasileiro a partir do DNA, e segundo esse estudo o Brasil é um país “multiétnico”, o que pressuporia que a ideia de mestiçagem poderia ser lida através de uma testagem genética. A empresa faz uma relação direta entre Genética e História ao afirmar que

Em toda a sua história, o Brasil foi construído pela miscigenação entre diferentes povos, e essa característica o difere do restante do planeta. Portanto, entender as características genéticas do povo brasileiro ajuda a compreender a história e evolução da própria humanidade. (Cardinalli, 2023)

O Brasil é um país com diferentes identificações populacionais e no qual o discurso da Mestiçagem foi e é um dos dispositivos narrativos que possui uma influência significativa no imaginário identitário dos seus cidadãos. Essa identidade também é carregada de contradições, pois pode ganhar uma conotação positiva ou negativa a depender do grupo ao qual o usuário estiver identificado. Por exemplo, quando nos referimos aos brasileiros como sendo algo distinto do *afrobrasileiro* ou do *indígena* – submetemos a identidade brasileira a um processo de branqueamento. Por outro lado, quando se quer reforçar uma identidade europeia e negar o status de latino-americano, usa-se o brasileiro de forma pejorativa para racializar aqueles que não são tidos por brancos.

O discurso da mestiçagem foi passando por modificações ao longo da constituição do território brasileiro e na busca por uma identidade nacional. Em um primeiro momento, ela é vista como a perda da pureza genética – ou seja, a miscigenação foi considerada a violação de uma raça original e estável – em outras palavras, a perda da branquitude. Em um segundo momento, já no início do século XX, há a necessidade de reorientar o discurso e promover a mestiçagem como característica

que descreve a população brasileira – buscando resgatar uma conotação positiva em ser “uma mistura de raças”. Como comenta Munanga (2019, p. 55),

No seu pensamento, Sílvia Romero coloca a crucial questão de saber se a população brasileira, oriunda do cruzamento entre as três raças (branca, negra e índia) tão distintas, poderia fornecer ao País uma feição própria original. Acreditava no nascimento de um povo tipicamente brasileiro, que resultaria da mestiçagem entre essas três raças e cujo processo de formação estava ainda em curso. Mas, desse processo de mestiçagem, do qual resultará a dissolução da diversidade racial e cultural e a homogeneização da sociedade brasileira, dar-se-ia a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos.

A partir do ponto em que se assume a identidade brasileira como uma identidade mestiça, a identidade brasileira por si só passa a não ser suficiente, pois é necessário buscar os pedaços que compõem esse complexo e desconhecido mosaico de lugares. Assim, é válido questionar quais podem ser os impactos no pertencimento geográfico dos usuários brasileiros dos testes, pois como afirma Silva (2014, p. 83)

A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ele nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é ser considerado uma identidade étnica ou racial.

O discurso sobre o brasileiro mestiço cria um imaginário de origem e pureza que se traduz em uma origem territorial que não corresponde àquela em que o sujeito vive, ou seja, um “africano” que nunca pisou na África, um “alemão” que nunca foi à Alemanha. Para que exista o mestiço, parte-se da ideia que em algum momento haviam populações racialmente estáveis e territorialmente circunscritas e que, em um dado momento, ocorreu uma mistura que acabou com essa pureza original, dando origem a uma pessoa miscigenada – algo do que poderíamos duvidar.

Ao contrário dos Estados Unidos, no movimento brasileiro de inclusão social, que também busca corrigir a exclusão racial e também considerar a raça, os dados genéticos são interpretados como uma mistura generalizada, em vez de grupos raciais discretos, de modo que pouco medo é expresso de que a raça vai se tornar geneticamente. Isso ocorre apesar do fato de que a ênfase genética na mistura depende, como essas ideias sempre fazem, da suposição de que grupos raciais existiram em algum lugar ou em outro momento. (Kent; Wade, 2015, pág. 819, tradução nossa)

Afirmar a ideia de mestiçagem é confirmar que em algum momento da história houve uma estabilidade entre povos e territórios que compartilhavam o mesmo fenótipo e eram diferentes dos demais. Esses grupos, nessa lógica, compartilhavam cargas

genéticas única e exclusivamente entre si e não mantinham relações sociais, culturais e reprodutivas com outros grupos. Ou seja, uma naturalização da ideia de raça como uma categoria ontológica à condição humana – o que é uma falácia em termos históricos, geográficos e genéticos. Assim, este trabalho se trata de uma análise do lugar da mestiçagem na produção da identidade nacional e os efeitos decorrentes do uso de testes de ancestralidade genética nesses imaginários.

1.1 Os usos da mestiçagem a serviço de uma identidade brasileira

A reorientação do discurso da mestiçagem torna os corpos antes vistos como inadequados, frutos da impureza da mistura de raças, como os corpos que representam o que é ser brasileiro. Assim, as políticas de Estado reinventaram a ideia de impureza atrelada à mestiçagem e a promovem como o estandarte da cultura e da identidade nacional – a mistura das raças. Assim o Estado assume o seu poder sobre os corpos mestiços e faz deles sua maior propaganda na construção da identidade nacional brasileira, fazendo da mestiçagem seu dispositivo, “com a função principal de responder a uma urgência em determinado momento histórico, o dispositivo tem uma função estratégica dominante” (Carneiro, 2023, p. 24).

Com o fim da escravidão e com a chegada da república, a elite brasileira e seus pensadores começam a demonstrar a preocupação com a necessidade de uma identidade nacional. Porém temos o surgimento de um grande conflito: que fazer com a população negra, agora liberta, e que faz parte do território brasileiro? Mas que não são reconhecidos realmente como indivíduos pertencentes e que dispõem de direitos dentro da sociedade. Assim o discurso da mestiçagem surge como um dispositivo para a criação de um povo brasileiro.

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então marginalizada: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os ex-escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz

respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação de identidade étnica brasileira (Munanga, 2019, p.54).

É necessário, portanto, pensar em como abranger todo este contingente populacional distinto em uma só população (que na lógica colonial do Estado brasileiro, deveria ser branca). Diversas teorias raciais, assim, dão o tom a respeito dos debates em torno à formação da nação brasileira e muitas das ideias que aparecem nessa época, entre o século XIX e XX, ainda fazem parte do imaginário de nação que temos até hoje. Podemos citar autores como: Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Alberto Torres, João Batista Lacerda, Oliveira Viana, Euclides da Cunha entre outros, que dedicaram algumas de suas obras para poder criar o imaginário de uma população brasileira que derivaria da mestiçagem. As abordagens feitas, em sua grande maioria, possuem premissas racistas. Como destaca Munanga (2019, p.55)

O que estava em jogo, nesse debate intelectual nacional, era fundamentalmente a questão de saber transformar essa pluralidade de raças e mesclas, de culturas e valores civilizatórios tão diferentes, de identidades tão diversas, numa única coletividade de cidadãos, numa só nação e num só povo.

A mestiçagem aparece como um dispositivo discursivo que pode ser capaz, na percepção de alguns dos pensadores da época como o já citado Gilberto Freyre, com sua obra *Casa Grande & Senzala*, foi um dos elementos fundamentais para criação do brasileiro com mestiço e a partir desta ideia produziu o Mito da Democracia Racial brasileira. Dessa ideia de miscigenação entre, negros, brancos e indígenas não apenas explicava a formação demográfica da população do país, mas também era mobilizada para a construção de um sentimento de nação, Tadei (2002, p.03) explica que

Na condição de dispositivo de poder, o dispositivo de mestiçagem envolve um conjunto heterogêneo de elementos: discursos, ações, leis e programas de instituições. De forma mais específica, ele pode ser entendido como um conjunto de saberes e estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso os indígenas do continente e os negros africanos). É o dispositivo de mestiçagem que dirige e comanda as ações e saberes numa determinada direção, com a intenção de atingir seu objetivo final: criar uma consistência entre todos esses elementos díspares, gerando subjetividades dóceis, mal delimitadas e manipuláveis.

O discurso da mestiçagem no Brasil, possui ambivalências: ao mesmo tempo em que exaltava a mestiçagem como traço identitário, também silenciava as profundas

desigualdades raciais e sociais decorrentes da colonização e da escravidão. Assim, a mestiçagem não era apenas um dado biológico ou um conceito para compreender a formação populacional brasileira, mas um instrumento político e ideológico utilizado para estabelecer uma ideia de unidade nacional, que atua como forma de negação das tensões e violências históricas presentes na constituição do país.

1.2 Todo Brasileiro é Mestiço?

Segundo a empresa Genera, sim, o DNA dos brasileiros tem sua origem nos portugueses, povos originários do Brasil e nos povos africanos – além ainda de uma pitada de sangue judaico (Cardinalli, 2023). Segundo a lógica da empresa, todo brasileiro seria uma mistura. A mestiçagem, desde o Mito da Demografia Racial no Brasil, alcançou um papel de destaque nas discussões raciais no país. Antes apenas evocada e comprovada nos acontecimentos históricos e nos traços das pessoas pardas, ela agora ganha força para ser comprovada geneticamente, pois brancos, pretos e pardos podem ser mestiços. Segundo a própria empresa:

O Brasil é um país continental, com mais de 8,5 mil km². Cada uma de suas 5 regiões possui suas próprias singularidades, tanto no aspecto geográfico e ambiental quanto nas questões históricas e culturais. Mas há algo que une todo o povo brasileiro: a diversidade. Em toda a sua história, o Brasil foi construído pela miscigenação entre diferentes povos, e essa característica o difere do restante do planeta. Portanto, entender as características genéticas do povo brasileiro ajuda a compreender a história e evolução da própria humanidade. (Cardinalli, 2023)

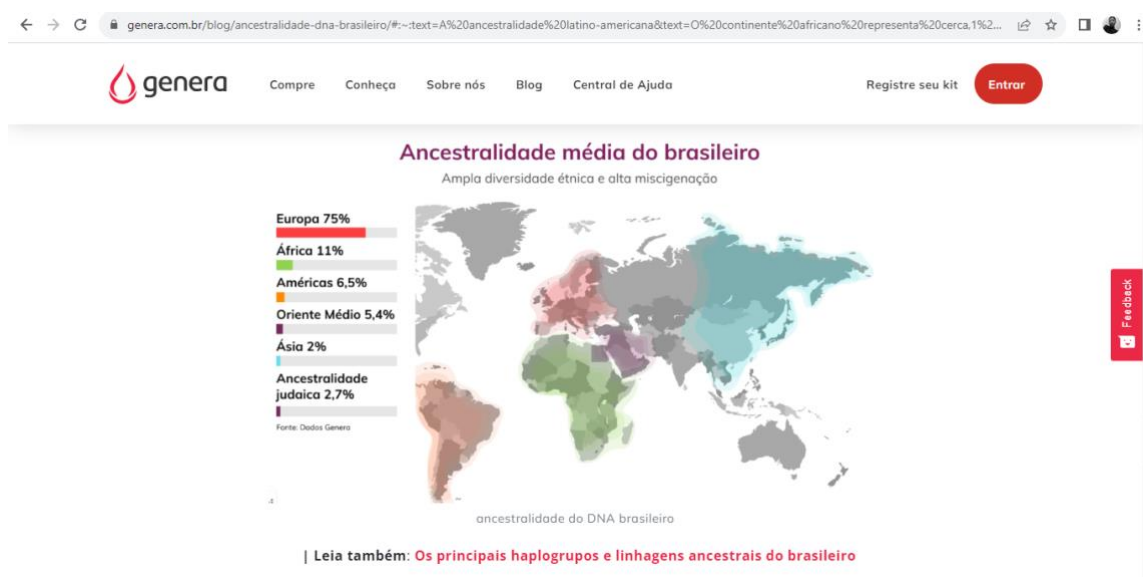
Como apresentado anteriormente, a mestiçagem como característica principal da população brasileira é um dispositivo utilizado não apenas para negar o racismo no país, como também para a criação de uma identificação nacional. Mas quando esse discurso ganha “comprovação genética”, quais serão as consequências? Dentro de um contexto social/político estruturalmente racista, quem se beneficia da ideia de que o DNA da população brasileira é um produto da mestiçagem?

Seguindo esta lógica o Brasil é um país sem uma origem pura, um lugar construído a base encontros de povos distintos que se misturam e deram origem a uma população sem lugar, já que o lugar vivenciado por esses toda a vida não é a origem de seus

antepassados, podemos dizer que o brasileiro vive em um não lugar de origens? Como podemos observar na figura.

Agora, partindo para o estudo levantado pela Genera, e considerando uma média geral da ancestralidade da população brasileira que realizou o teste genético, temos aproximadamente os seguintes indicadores: 72% da Europa, 11% da África, 6,5% das Américas, 5,5% do Oriente Médio, e 2% da Ásia. É interessante destacar, também, que a ancestralidade judaica corresponde a 2,7% do DNA brasileiro (Cardinalli, 2023).

Figura 1 - Captura de Tela da Página Eletrônica da Empresa Genera.



Fonte: Cardinalli (2023). Estudo sobre a ancestralidade do brasileiro. Disponível em:

<https://www.genera.com.br/blog/ancestralidade-dna-brasileiro/>. Acesso em Novembro de 2023

Esta concepção de confirmação genética, produzida pela empresa, esconde grande perigos, ao passo de se vendem como capazes de mostrar a verdade biológica, sobre as origens dos usuários, esta narrativa reforça ideias de pureza genética e territorial. Quando seguindo discurso da mestiçagem do brasileiro, coloca o país como um lugar que constantemente precisa ser desvelado ou decifrado, como se fosse desprovido de uma história contínua e de pertencimentos consolidados. Essa abordagem reduz a complexidade dos processos históricos que formaram a população brasileira a percentuais genéticos, apagando dimensões fundamentais da ancestralidade, como os vínculos familiares, comunitários, culturais e políticos.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado é um eixo de análise do Projeto de Pesquisa “Efeitos dos testes de ancestralidade genética no pertencimento geográfico dos usuários”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Espaços, Conhecimento, Corpos, da Universidade Federal de Pelotas, e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto possui diferentes desdobramentos analíticos, dedicados a distintos tópicos geográficos dos efeitos dos testes sobre os usuários. Na presente pesquisa, buscamos compreender a produção da mestiçagem como um dispositivo de territorialização ou desterritorialização das identidades a partir dos testes de ancestralidade.

A metodologia utilizada para a estruturação deste trabalho compreende três momentos. No primeiro, realizamos um levantamento e análise das páginas eletrônicas das empresas que despolitizam os testes no Brasil, sendo elas: MeuDNA (brasileira), Genera (estadunidense) e MyHeritage (israelense). Em seguida, procede-se a uma análise sistêmico-funcional do conteúdo discursivo dessas páginas e de seu material publicitário. A análise sistêmico-funcional busca identificar as diferentes formas de linguagem utilizadas — textos, imagens, gráficos — e como elas se relacionam no ambiente analisado (Barbara; Macêdo, 2009).

A segunda etapa consiste em um levantamento bibliográfico sobre as temáticas: Testes de Ancestralidade Genética; Identidade; Mestiçagem e Identidade Brasileira. Utilizamos plataformas de pesquisa para identificar palavras-chave relevantes à construção bibliográfica deste trabalho, com o objetivo de compreender quais materiais científicos estão sendo produzidos sobre os testes de ancestralidade genética e qual a postura da academia em relação a esse produto. Além disso, buscamos resgatar aspectos da formação da identidade nacional brasileira e dos dispositivos utilizados para propagar essa identificação na população, traçando, ao final, como a estruturação dessa identidade se relaciona com o uso contemporâneo dos testes.

A terceira etapa do trabalho consiste na realização de entrevistas com pessoas que já demonstram interesse em se submeter ao teste, com o intuito de verificar quais são as expectativas desses sujeitos em relação a ele. Em um segundo momento, o grupo

retorna para uma nova entrevista, após a realização do teste, debruçando-se sobre os resultados obtidos e buscando identificar continuidades e descontinuidades provocadas pelo uso do teste. Neste resumo, reportam-se apenas os resultados preliminares referentes à primeira etapa.

O primeiro encontro com os participantes da pesquisa possui um enfoque narrativo, a partir do qual as perguntas são voltadas à compreensão das motivações desses indivíduos para realizar o teste de ancestralidade, bem como ao reconhecimento racial que constroem sobre si mesmos e aos discursos que os vinculam ou desvinculam de uma identidade nacional. Como forma de mapear os imaginários de pertencimento geográfico dos voluntários, cada um recebeu um mapa-múndi em branco (sem nomes ou fronteiras de países) para expressar suas expectativas a respeito dos resultados: quais lugares acreditam possuir algum pertencimento e como imaginam que esses pertencimentos se distribuiriam.

A segunda entrevista foi realizada após os voluntários concluírem os testes de ancestralidade genética e estarem de posse dos resultados. Nesse momento, buscou-se compreender continuidades ou descontinuidades no pertencimento geográfico desses indivíduos, bem como os efeitos dos resultados sobre suas percepções de racialidade e identidade. O mapa construído por eles na primeira entrevista foi resgatado e comparado aos resultados dos testes, a fim de identificar possíveis rupturas nas expectativas e compreender como os participantes lidam com essas diferenças.

A amostragem é composta por três entrevistas realizadas em quatro cidades do estado do Rio Grande do Sul: Bagé, Caxias do Sul, Pelotas e Porto Alegre. O estado gaúcho é comumente estereotipado como um território formado predominantemente por imigrantes europeus — visão que ignora e invisibiliza comunidades negras e indígenas que habitam e se territorializam nesse espaço há séculos. Os discursos de supremacia racial sustentados por uma soberania branca fomentam o surgimento de grupos extremistas e a propagação de práticas racistas. O primeiro local de produção dos dados foi o município de Bagé, na fronteira com o Uruguai. Até o momento, foram realizadas três entrevistas, com duas rodadas, envolvendo três usuários dos testes na cidade.

A pesquisa segue protocolos éticos rigorosos, garantindo que os participantes manifestem seu desejo de participar de forma consciente quanto aos riscos e benefícios

envolvidos. O processo de consentimento informado envolve a assinatura de um termo que apresenta as condições de participação e a realização de um diálogo no qual são expostas as atividades desenvolvidas e o papel de cada participante. Todas as etapas foram submetidas e aprovadas pela Plataforma Brasil de Ética em Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde.

3. RESULTADOS

A partir das análises realizadas nos sites das empresas que comercializam os testes de ancestralidade, foi possível evidenciar a dualidade de narrativas utilizada para promover o produto. Ao mesmo tempo em que afirmam que o DNA não define o indivíduo como se observa na Figura 2, contrapõem essa ideia, sugerindo que ele pode revelar a “verdade” presente em cada sujeito. Trata-se de um discurso perigoso, que recorre à noção de raça não no âmbito social, mas biológico, associando a pureza geográfica à pureza genética.

Figura 2 - Captura de tela Página Eletrônica da Empresa meuDNA

Conhecer nossas origens genéticas não nos define como pessoas...

... mas sim, nos dá uma ideia sobre onde moravam nossos antepassados e como os nossos pais chegaram no lugar onde nascemos.

No Brasil, isso é muito relevante, já que somos uma mistura de povos e a cultura brasileira é composta por tradições de todos os continentes.

Fonte: MeuDNA. Disponível em: <https://meudna.com/teste-ancestralidade>. Acesso em Novembro de 2023

A afirmação de que o DNA permite conhecer a “verdadeira história” dos usuários desvaloriza os lugares de vivência e as relações pessoais como fundamentos legítimos da história e cultura de cada indivíduo. Ao questionar o pertencimento construído a partir das experiências vividas, o teste leva os usuários a buscar lugares desconhecidos ou sem afinidade prévia. Como exemplificado na Figura 3, a empresa Genera associa a

imagem de uma mulher com 32% de DNA do norte da Itália comendo uma pizza, conectando um gosto pessoal (produto da cultura de consumo) a uma composição genética pré-determinada, sugerida como princípio gerador da corporeidade. Essa associação de aspectos cotidianos à genética essencializa a experiência do sujeito, como se cada característica individual estivesse predefinida por sua origem.

Figura 3 - Captura de Tela da Página Eletrônica da Empresa Genera

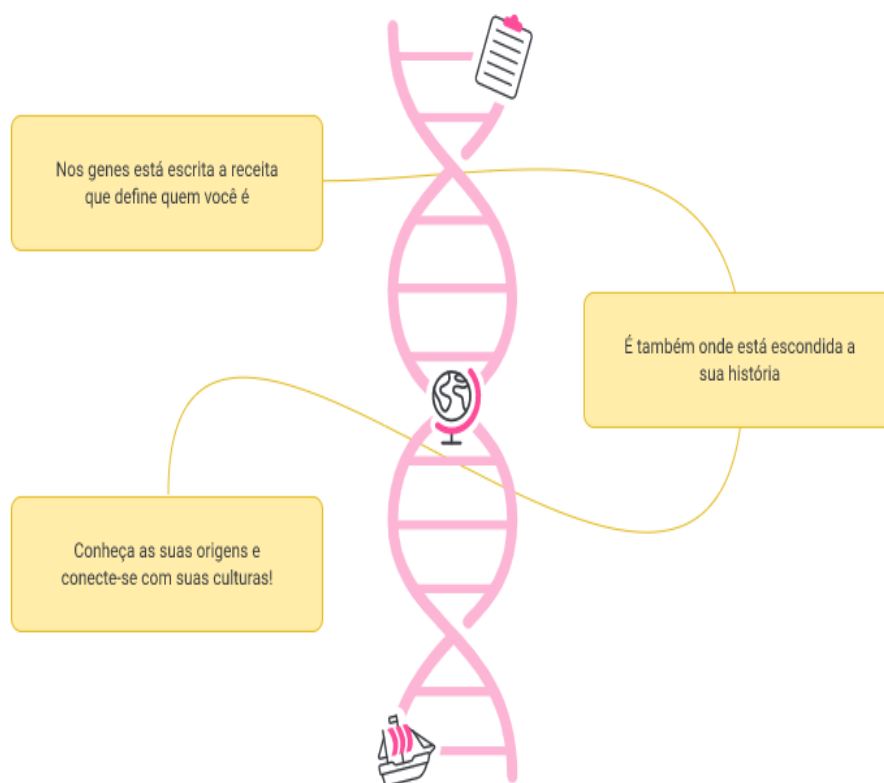


Fonte: Empresa Genera. Disponível em <https://www.genera.com.br/teste-de-ancestralidade/>. Acesso em Novembro de 2023.

Mesmo negando a existência de raças, as empresas dependem desse imaginário de pureza genética e geográfica para conferir sentido aos resultados. A Figura 4 exemplifica como o teste de ancestralidade genética é apresentado como revelador da “verdade” de cada indivíduo, designando origens geográficas e permitindo descobrir as “diferentes culturas” que compõem os genes dos usuários, reforçando o caráter essencialista do dispositivo.

Figura 4 - Captura de Tela da Página Eletrônica da Empresa MeuDNA

Seu DNA: o código secreto



Fonte: Empresa meuDNA. Disponível em: <https://meudna.com/teste-ancestralidade>. Acesso em Novembro de 2023

Tal perspectiva se mostra mais evidente ao analisarmos os resultados das duas rodadas de entrevistas, como já realizado com participantes do município de Bagé. A primeira conversa ocorreu em maio de 2023, antes dos entrevistados terem realizado o teste de ancestralidade. A segunda entrevista ocorreu em outubro de 2023, após a realização do teste e quando os participantes já estavam em posse dos resultados. Na análise inicial das transcrições das entrevistas, foi possível identificar três desdobramentos principais. Primeiramente, que há uma confiança indiscutível na capacidade do teste de não só fornecer informações do ponto de vista biológico (por exemplo, a busca de parentes que compartilham o mesmo DNA), mas sociais. Os três participantes reportaram expectativas de entenderem seus gostos pessoais (culturais, históricos, musicais) a partir das regiões indicadas pelo teste. Depois, o teste funcionou

com todos os participantes como um dispositivo de acionamento de contatos e memórias familiares, estimulando o processo genealógico - ainda que também promovendo dúvida sobre como essa história familiar era relatada e em que se baseava. Finalmente, outro desdobramento evidente das entrevistas é a interrupção de um processo de identificação nacional, reterritorializando os imaginários a pertencimentos que são alheios ao território brasileiro. Dois dos participantes indicaram terem reterritorializado suas identidades de maneira a entenderem-se como “cidadãos do mundo” ou “pessoas multiétnicas”. Ou seja, não apenas a fragmentação territorial da identidade se evidencia a partir dos resultados, mas um reescalonamento e um acionamento de uma identidade de maior privilégio, capaz de se espacializar em escalas mais complexas. Para Appadurai, a disjunção entre a isonomia do Estado-Nação (território, nação, povo, Estado) gera novas topografias na territorialidade e processos de reterritorialização mais dinâmicos e intensos. Um dos entrevistados, inclusive, citou um interesse súbito em saber o que estava acontecendo em Israel e Palestina após identificar que seus resultados trouxeram percentuais de população judaica e árabe.

4. CONCLUSÃO

A ideia de uma identidade mestiça nacional do brasileiro traz consigo muitas questões a respeito dos conflitos raciais que até hoje fazem parte do cotidiano no Brasil, a partir da necessidade de alguns indivíduos de preencherem os descontínuos das histórias familiares no território nacional, que perpassa por essas questões de conflitos e apagamentos, os testes de ancestralidade genética entram como o grande possibilitador e revelador da verdadeira origem territorial da população brasileira. Ou seja, a história de um país colonial converte-se em um grande mercado para as empresas que buscam utilizar a mestiçagem como um dispositivo de produção de vazios ou lacunas a serem preenchidas. Mais além, que reforçam sob o discurso científico a existência de grupos raciais identificáveis – que passam a ser “revelados” em um processo de transfiguração dos autorreconhecimentos. Não há dúvida de que os testes expõem as identidades à contradição.

Toda a promoção desse discurso pode ocasionar questões extremamente problemáticas sobre o entendimento dos usuários sobre os seus próprios lugares,

colocando o Brasil como um espaço que jamais será a origem para qualquer brasileiro. Como foi possível observar nos resultados dos participantes da pesquisa, a maioria das porcentagens dos resultados os colocam fora do território nacional. Ainda provisoriamente, podemos concluir que o teste de ancestralidade pode criar um efeito de estrangeirização nos usuários e reafirmar uma ideia da existência de raças e de populações originais – essencializando o espaço geográfico e criando uma simetria perigosa entre corpo e território. E, finalmente, o Brasil não teria a sua própria origem – seria um conjunto desajustado de outras territorialidades, contribuindo para reforçar o estereótipo de impureza e de branquitude manchadas que herda de um pensamento colonial racista e exclusionário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 49, p. 39-46, 1997.

BARBARA, Leila; DE MACÊDO, Célia Maria Macêdo. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de linguagem e sociedade**, 2009, vol. 10, no 1, p. 89-107.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

CARDINALLI, Marcos, **Estudo da Genera revela a ancestralidade do DNA brasileiro**. Disponível em: <https://www.genera.com.br/blog/ancestralidade-dna-brasileiro/#:~:text=Agora%2C%20partindo%20para%20o%20estudo,%2C%20e%202%25%20da%20Ásia>. Acesso em 06/09/2023

GENERA [site institucional]. Disponível em: <https://www.genera.com.br/teste-de-ancestralidade/>. Acesso em: 16 nov. 2023

KENT, Michael; WADE, Pedro. Genética contra raça: Ciência, política e ações afirmativas no Brasil. **Estudos Sociais da Ciência**, v. 45, n. 6, pág. 816-838, 2015.

MEUDNA [Site institucional]. Disponível em: <https://meudna.com/teste-ancestralidade>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ :Editora Vozes, 2014. 15.Ed.

TADEI, Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, p. 2-13, 2002.

MESTIÇAGEM AND PROCESSES OF SPATIAL IDENTIFICATION: EFFECTS OF THE USES OF GENETIC ANCESTRY TESTS

ABSTRACT

Brazil is a country forged by aggressive colonization and slavery, marked by vast erased narratives, processes of whitening, and exclusion. These are part of a history that continues to influence Brazilian social dynamics to this day, fueling major political and social debates that seek recognition and a possible origin story. Within this context, what does it mean to be Brazilian? Through research on genetic ancestry tests and geographic belonging, we explored the question of national identity, producing data from interviews and content and discourse analyses. Up to the point of analysis, it is possible to identify an association between being Brazilian and mestiçagem (racial mixing), and that companies marketing ancestry tests use this discourse of the mixed Brazilian to reinforce the idea of an unknown origin due to the "mixture" present in the Brazilian population.

Keywords: Brazilian identity; Genetic ancestry tests; Mestiçagem; Geographic belonging; National consciousness.

MESTIZAJE Y PROCESOS DE IDENTIFICACIÓN ESPACIAL: EFECTOS DEL USO DE PRUEBAS DE ASCENDENCIA GENÉTICA

RESUMEN

Brasil, un país forjado por una colonización y una esclavitud agresivas, con vastas narrativas borradas, procesos de blanqueamiento y exclusión, que forman parte de una historia que influye en la dinámica social brasileña hasta nuestros días, suscitando grandes debates político/sociales que llevan a la búsqueda de reconocimiento y de una historia tal vez de origen, en este contexto ¿qué significa ser brasileño? A través de la investigación sobre las pruebas de ascendencia genética y pertenencia geográfica, estamos abordando la cuestión de la identidad nacional, donde la investigación es cualitativa y se producen datos. Hasta ahora, se ha podido identificar una asociación entre ser brasileño y mestizaje y que las empresas que venden pruebas de ascendencia utilizan este discurso del brasileño mestizo para reforzar la idea de un origen desconocido debido a la "mezcla" que existe en la población brasileña.

Palabras clave: Identidad brasileña; Pruebas de ascendencia genética; Mestizaje; Pertenencia geográfica; Conciencia nacional.

Recebido: agosto 2025

Aceite: outubro 2025